

Conflitos de gênero no recreio escolar: Um estudo na escola Antônio Francisco da Costa Lisboa

Rodrigo Koch¹

Giuliano Souza Andreoli²

Gabriela de Castro³

Resumo: Esta pesquisa tem o foco nas relações de gênero durante o “recreio vespertino” de uma escola de ensino fundamental da rede estadual de ensino, situada no município de São Francisco de Paula (RS), durante o primeiro semestre de 2015. O estudo foi desenvolvido sob o olhar da pesquisa exploratória e descritiva. Inicialmente, as observações foram feitas com todos os alunos que participavam do intervalo vespertino e, posteriormente, após identificação de grupos nos quais se davam a maior parte dos conflitos de gênero, o foco da pesquisa ficou sobre os alunos que frequentavam, em sua maioria, os 4^{os} e 5^{os} anos do ensino fundamental. Os instrumentos e técnicas adotadas foram: fichas de observações, registros de imagens, conversas/entrevistas com alunos, diretora e professora. Podemos apontar que existe uma relação de sociabilidade e conflito ao mesmo tempo. O recreio escolar é um espaço transformador e influenciável nas relações sociais.

Palavras-chave: Gênero; Recreio Escolar; Conflito; Escola.

Gender conflict in school recreation: A study at the school of Antonio Francisco Lisboa Costa

Abstract: This research has focused on gender relations during the 'afternoon recreation' of an elementary school in the state education network, in the municipality of San Francisco de Paula (RS), during the first half of 2015. The study was conducted on the look the exploratory and descriptive research. Initially, the observations were made with all students attending the afternoon break, and, after identifying peer groups who gave most of the gender conflicts, the research focus was on students attending mostly the 4 and 5 years of elementary school. Tools and techniques adopted were: observation sheets, images of records, conversations / interviews with students, director and teacher. We can point out that there is a conflict sociability ratio and at the same time. The school playground is a transformer and gullible space in social relations.

¹ Professor Assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Professor Assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pela UFRGS. E-mail: giulianosouzandreoli@yahoo.com.br

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

Keywords: Gender; School Range; Conflict; School.

Introdução

No cenário contemporâneo de qualquer cidade, seja esta uma grande metrópole ou um pequeno município do interior, é possível identificar aspectos que apontam para uma grande diversidade cultural. Etnias, religiões, classes sociais, faixas etárias, grupos sociais e gêneros estão em uma intensa disputa por esses espaços. Isso é verificado nos mais variados locais de convivência, inclusive na escola, onde os gêneros também demarcam seus lugares.

Nesta pesquisa, o foco está nas relações de gêneros durante o “recreio vespertino” de uma escola de ensino fundamental da rede estadual de ensino, situada no município de São Francisco de Paula durante o primeiro semestre de 2015. Pretendemos responder e apresentar qual a realidade das relações de gêneros neste espaço formal de educação, sabendo que o mesmo recebe fortes influências do meio externo, principalmente, da mídia e da cultura local. Segundo Knijnik (2010),

Devemos lembrar que as relações entre os sexos são relações sociais, não são dados naturais, mas sim construções sociais. Nessa perspectiva, a dominação masculina, bem como a exclusão feminina, são expressões, entre outras, da desigualdade nas relações sociais. Essa forma de desigualdade é incluída na estrutura de inúmeras sociedades, qualquer que seja o seu grau de desenvolvimento. (p.288)

Pensamos que este tema se tornou interessante discutir para verificar e analisar os comportamentos de crianças na escola em relação a este aspecto social, que ganha contornos mais marcantes em determinadas comunidades. Esta pesquisa está vinculada a estudos já realizados e pretende dar suporte para futuras discussões de outros pesquisadores neste tema.

O principal objetivo deste trabalho foi analisar as relações de gênero durante o intervalo no turno da tarde na Escola Estadual Antônio Francisco da Costa Lisboa. Como objetivos específicos, podemos listar:

- Analisar como se dão as relações de gênero no período do recreio;
- Identificar qual o papel que a escola desempenha em relação às questões de relação de gênero;
- Identificar os principais motivos que geram as disputas entre gêneros;
- Descrever as alternativas de soluções frente a esses problemas.

A questão de pesquisa que pretendemos responder neste estudo é:

- Como acontecem as relações de gênero no período do recreio?

Inicialmente, vale destacar ainda, que este trabalho está inserido em um espaço e em um tempo específicos, ou seja, mesmo que uma metodologia idêntica ou igual a esta seja aplicada em outra escola e em outro ano, é muito provável que os resultados não sejam os mesmos, pois a sociedade e suas relações são dinâmicas e mutáveis. Portanto, vale lembrar que os resultados apresentados aqui se referem à Escola Antônio Francisco da Costa Lisboa durante o primeiro semestre de 2015.

Procedimentos metodológicos

Conforme os objetivos propostos, o estudo é desenvolvido sobre o olhar da pesquisa exploratória e descritiva. A perspectiva da pesquisa do tipo exploratória descritiva procura identificar e analisar se estão sendo utilizados, e como estão, os recursos pedagógicos nas relações de gêneros durante o intervalo. Segundo GIL (2009, p.42) “a pesquisa exploratória tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema”, enquanto a pesquisa descritiva “tem por objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”.

Tendo na amostra participativa inicialmente cerca de 273 sujeitos, nossa principal intenção neste estudo foi analisar as relações de gênero durante o “recreio vespertino”. Destacamos que não houve intervenção dos pesquisadores, e que, nas análises seguintes, nos colocamos no papel de observadores e contextualizadores do fenômeno, não emitindo julgamentos ou opiniões sobre os fatos registrados durante a coleta de dados. O critério de escolha da escola foi a acessibilidade da graduanda.

As observações e a coleta de dados foram realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Francisco da Costa Lisboa, mais conhecida, no município de São Francisco de Paula, como “Industrial” pelo fato de que, quando foi criada, em 2 de agosto de 1962, tinha o foco no ensino técnico, onde os alunos contavam com disciplinas de técnicas industriais (marcenaria e sapataria) e também técnicas agrícolas. O ensino técnico na escola foi abandonado em 1995. A escola trabalha em dois turnos, atende os anos iniciais e finais, tem um total de 26 turmas e 650 alunos, 31 professores e 04 funcionários. Referente ao espaço físico da escola, possui um pátio calçado bem amplo com parquinho (mais utilizado pela educação infantil), um pequeno espaço gramado, quadra coberta, toldo na entrada da escola, e auditório.

Figura 1 – Fachada da Escola Estadual Antônio Francisco da Costa Lisboa

Fonte: Gabriela de Castro

O Projeto Político-pedagógico da Escola Antônio Francisco da Costa Lisboa foi elaborado de forma coletiva, pois a escola acredita que esse documento deve passar por constantes reavaliações e discussões a fim de formar um grupo de trabalho coeso e empenhado em alcançar o sucesso. No que tange à pesquisa deste trabalho, o documento da escola apresenta os pontos, em relação aos aspectos de *Gênero*, temática deste estudo, que serão descritos a seguir.

Como missão escolar, a instituição pretende oportunizar ao aluno compreensão dos direitos e deveres do ser humano no meio social em que vive, ressaltando a preocupação constante com a integração dos alunos. Já nos princípios da escola, traz como primeiro item a importância de respeitar os diferentes sujeitos, preservando seus direitos, tendo na diversidade um meio de promover a troca de saberes e a inclusão, e, logo após, outro subitem ressalta o respeito às diferenças, sejam elas culturais, de cor, etnia ou religião. Em outro item do Projeto Político-pedagógico, intitulado “Direito dos alunos”, também aparece a questão da discriminação, seja pela condição social, raça, religião e opção sexual. E a seguir, no item “Deveres do aluno”, é citado que eles devem respeitar os colegas, sem manifestar qualquer forma de humilhação e discriminação e, também, aceitar as diferenças. No entanto, o documento não se refere nenhuma vez diretamente ao termo ou aos conflitos de gênero. Pelo que percebemos, este conceito está englobado de forma implícita na palavra “diversidade”, a qual caracteriza de forma generalizada as diferenças, na qual, então, podemos sugerir ou pensar que estejam

contempladas as diferenças de gênero.

Inicialmente, as observações foram feitas com todos os alunos que participavam do intervalo vespertino, ou seja, do recreio do turno da tarde, totalizando 273 crianças na faixa etária dos sete aos treze anos de idade. Posteriormente, após identificação de grupos nos quais se davam a maior parte dos conflitos de gênero, o foco da pesquisa ficou sobre os alunos que frequentavam, em sua maioria, os 4^{os} e 5^{os} anos do ensino fundamental. Tratava-se de aproximadamente um grupo de 157 alunos. Os instrumentos e técnicas adotadas foram: registros de imagens, ficha de observação, entrevistas/conversa com diretora e professora.

O que é gênero?

Atualmente, vivemos em uma sociedade que é composta pela diversidade. Esse termo é utilizado por Goellner *et al* (2009, p.10) para fazer referência às diferenças existentes entre as pessoas, tais como as diferenças culturais, de gênero, étnicas, raciais, religiosas, de geração, de inserção social e de situação econômica, entre outras. (...) As identidades não são unitárias nem fixas, mas constituídas de múltiplas facetas – religiosas, sexuais, étnicas, profissionais, nacionais, linguísticas e de classe –, que se contrapõem (por vezes se contradizem) e estão em constante mudança, sendo produzidas pelas diversas instâncias sociais das quais o sujeito participa, e às quais ele está sujeito (KNIJNIK, 2010, pp.28-29). Em uma sociedade justa, todas as pessoas são consideradas iguais em seus direitos, independentemente de suas características pessoais e socioculturais, a exemplo de raça, etnia ou sexo. Frente a esta inúmera diversidade contemporânea, podemos evidenciar fatores excludentes, nos quais as diferenças não são aceitas e reconhecidas como particularidades de diferentes grupos.

Analisando o contexto histórico da sociedade, podemos acompanhar uma constante trajetória das disputas entre os sexos opostos, nas quais conceitos são introduzidos e manifestados de geração à geração. Desde cedo, as meninas são educadas para que sua mobilidade seja compatível com sua condição feminina. Meninos e meninas se diferenciam não somente pelo sexo biológico, mas também pela representação cultural que se constrói a partir dele. No senso comum, a menina que demonstre energia constante, ao contrário do imobilismo esperado, pode fazer com que seja criticada por evidenciar “maus modos”, e há possibilidades de ser rotulada como

masculinizada. Comportamento semelhante nos meninos é visto como sinônimo de virilidade, força, agilidade e destreza (KNIJNIK, 2010, p.296). Segundo Souza (2000), “é a identidade de gênero que possibilita à criança reconhecer-se como pertencente ao gênero masculino ou feminino, com base nas relações sociais e culturais que se estabelecem a partir do seu nascimento”. Assim, desde pequena a mulher é conduzida ao papel que deve desempenhar, sendo estimulada em brincadeiras consideradas tipicamente femininas, como bonecas, casinha, entre outras. Os brinquedos infantis expressam as diferenças de sexo mais que os instintos naturais, uma convenção social. Portanto, podemos concluir que o conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais elaboradas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo no conceito biológico diz respeito ao tributo anatômico, no conceito de gênero refere-se ao desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social.

Para Knijnik (2010),

(...), gênero é entendido de forma relacional (não existe a masculinidade, mas sim masculinidades se influenciando e disputando espaços entre si, e se construindo mutuamente e em conjunto com as feminilidades), dinâmica e múltipla – influenciando condutas, identidades pessoais, corporais, a educação, a sexualidade – e o esporte em todas as suas dimensões e interfaces com a política, a mídia e a sociedade como um todo. (p.170)

Ao definir gênero, Santana e Benevento (2013) destacam que o conceito “se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais”. Os pesquisadores da Universidade Federal Fluminense defendem ainda que:

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser construído desde que o (a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar.

A definição restrita de papéis sociais dá origem à relação de opressão, exploração e domínio. A natureza da mulher, por exemplo, é, a todo o momento, passível de ser perdida, sendo assim, é necessário que ela seja constantemente apreendida, controlada, vigiada. Entende-se, então, que perder a feminilidade ou a

masculinidade é uma ameaça constante ao padrão estabelecido pela sociedade, e para que isso não ocorra existem regras que devem ser acatadas desde a infância nos tipos de brincadeiras, nos modos próprios de ser meninos e meninas. Por fim, para atingirmos a igualdade de gênero, não significa que os homens e as mulheres serão iguais, mas, sim, que os direitos e oportunidades de uma pessoa deverão estar garantidos independentes do seu sexo.

O gênero constitui uma realidade complexa, não podendo, portanto, ser considerado um conceito fixo, mas constantemente redefinido pelos indivíduos em situações nas quais se encontram e que acabam por compor-se em momentos históricos (SANTANA e BENEVENTO, 2013).

Gênero e escola

Podemos caracterizar a escola como um espaço social e democrático, que tem o dever e a função de oportunizar discussões de algumas questões sociais visando, assim, desenvolver o pensamento crítico dos seus discentes. É primordial a intervenção dos docentes para que os alunos estejam sempre atualizados e contextualizados para a busca pelo saber. Além disso, é na escola que acontece o início de uma grande socialização, onde as crianças se deparam com algumas diferenças que não podem ser vistas como desigualdade, mas sim como diversidade. As representações sociais⁴ são construídas no dia-a-dia da vida social, a partir de um processo sociocultural local, entre os sujeitos sociais. Essa construção ocorre em todos os espaços da sociedade, inclusive e primordialmente, na escola.

Em território nacional, podemos caracterizar as questões de gênero no contexto da educação inclusiva, que está amparada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que assegura o direito à escola a todas as pessoas sem discriminar negativamente singularidades ou características específicas de indivíduos ou grupos humanos. No entanto, o Plano Nacional de Educação, de 2001 (Lei nº 10.172), foi conservador em seu tratamento dos temas relativos a gênero e orientação sexual. A menção do tema gênero, por exemplo, se deu apenas em alguns de seus tópicos e na análise diagnóstica de alguns níveis de ensino. Portanto, o PNE manteve silêncio em torno da sexualidade e da diversidade de orientação afetivo-sexual e de identidade de

⁴Conjunto de explicações, crenças e ideias que nos permitem evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto; são resultantes da interação social, pelo que são comuns a um determinado grupo de indivíduos.

gênero. Podemos buscar melhor embasamento legal, então, nos princípios constitucionais de liberdade e solidariedade, que podem ser estendidos para a igualdade de gênero. Na área da educação, a implementação de ações com vistas à promoção da equidade de gênero, identidade de gênero e orientação sexual e ao enfrentamento ao sexismo e à homofobia encontra respaldo em ações do governo relativas à educação, conscientização e mobilização contidas nos seguintes documentos: Programa Nacional de Direitos Humanos II (de 2002), Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), Programa Brasil sem Homofobia (2004) e Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006) (HENRIQUES et al., 2007).

No decorrer dos anos, vem debatendo-se sobre como trabalhar a relação de gênero na escola devido à complexidade de compreensão dessa temática entre professores e demais pessoas que compõem a comunidade escolar. Segundo Auad (2006, p.18), foi na década de 1980 que o conceito de gênero começou a ser estabelecido, e foi então a partir disso que a discriminação e a desigualdade entre masculino e feminino ganhou força socialmente.

A abordagem desse assunto pretende discutir as diferenças que são culturalmente construídas entre os sexos, pois essa questão da relação entre meninos e meninas torna-se um dilema no cotidiano escolar. Portanto, a fim de esclarecer um pouco mais o conceito de gênero e dessa relação, apresentamos mais alguns autores:

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino). As relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construído em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos. (AUAD, 2006. p 21)

No entanto, consideramos que gênero é a matriz de uma assinatura sociocultural na qual determinada cultura dita o modo de como os sexos homem/mulher devem se comportar, pois são estereotipados e limitados a ações que englobam desde cores, atitudes, vestimentas até atividades mais comuns, como simples brincadeiras na hora do recreio escolar, caso e situação que nesta pesquisa pretendeu observar e obter respostas sobre respectivas atitudes.

A sociedade impõe padrões que estabelecem regras, como, por exemplo, “meninas usam rosa” e “meninos usam azul”, “meninas brincam de roda” e “meninos jogam futebol”, e, geralmente, quando se unem numa mesma brincadeira, isso se transforma em uma disputa do modo que as meninas correm e pegam os meninos e vice e versa, e também costumam afirmar que jogar futebol é mais masculino do que

feminino, e que dançar é mais feminino do que masculino. Goellner *et al* (2009) acredita que essas afirmações não são “naturais”, mas construídas em cada cultura e, por esse motivo, não são iguais em todos os povos e grupos sociais. É uma construção cultural que transcende os séculos, passando pelas representações transmitidas de geração em geração e que, constituída em “cultura”, define o lugar do homem e da mulher com âmbitos diferenciados e antagônicos. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vem ocorrendo nas últimas décadas, ainda perduram muitas discriminações, muitas vezes ocultas, relacionadas a gênero (SANTANA E BENEVENTO, 2013).

Acreditamos que essas disputas acontecem devido ao comportamento do meio social onde as crianças estão inseridas, pois, de uma forma implícita, desde pequenas são moldadas com uma ideia de oposição ao sexo contrário, onde o gênero feminino é visto como frágil e passivo, enquanto o gênero masculino é considerado mais ativo, agressivo e corajoso. Isso acaba interferindo nas relações do cotidiano escolar, principalmente no horário de recreio das crianças, quando estão mais livres para interagir conforme suas vontades e, então, pode-se generalizar que, neste momento, acontecem conflitos, exclusões e formação de grupos divididos entre os sexos. O papel da escola frente a essa problemática é de favorecer um ambiente que proporcione e estimule uma mudança cultural, disseminando conceitos e fiscalizando comportamentos e atitudes igualitárias para que, assim, os educandos valorizem as diversidades e as diferenças entre eles e na vida.

No documento *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*, o conceito *gênero* é definido como:

Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

Nesta perspectiva, pretendemos, nas páginas seguintes, analisar especificamente a questão de gêneros, seus comportamentos, atitudes, reações e relações dentro do contexto escolar, no horário do intervalo das crianças, pois, neste momento, podemos verificar como esses padrões são determinados entre as crianças e como se constroem essas relações sociais entre o sexo masculino e feminino na infância. Trata-se de um

recorte específico de um estudo realizado na Escola Estadual Antônio Francisco de Costa Lisboa, localizada no município de São Francisco de Paula.

As discussões das relações de gênero no contexto escolar devem ter um enfoque a partir do ponto de vista das desigualdades produzidas no interior da escola, à qual atribui papel importante à naturalização das diferenças sociais. Reconhecemos que os sujeitos são ativos na constituição de suas identidades, mas a corporificação de determinados “jeitos”, postura, preferências, a experiência diferenciada de atividades e configurações grupais, as marcações linguísticas do discurso escolarizado – e o silêncio – são “fabricados” socialmente, em especial graças à ação da escola. Tais dispositivos estão longe de seguir uma forma “natural” do ser menina e menino, mas sim, uma forma específica de distinção que tem por trás do exercício desigual de poder (FREIRE et al. 2009).

O ingresso nessa cultura, segundo Grugeon (1995, p. 24) “requer aprender um conjunto de regras e rituais [...] que podem ser diferentes para meninas e meninos”, ou seja, é uma cultura que cria suas próprias demandas como, por exemplo, quando, nas negociações por espaços, criam-se divisões, geralmente entre idade e gênero.

Com intuito de demonstrar a importância deste estudo, cito outras pesquisas realizadas dentro desta mesma temática, porém com metodologias diferentes e, como já destaquei, realizadas em espaços e tempos diversos, obtendo, de forma geral, resultados semelhantes, mas com especificidades bem características a cada comunidade onde foram executadas.

Na pesquisa realizada por Stigger e Wenzel (2001), em uma Escola Municipal de Porto Alegre, foram observados os comportamentos de meninos e meninas durante o horário do intervalo. Os autores acreditam que, no horário do recreio, as crianças adquirem uma aprendizagem não oficial e não intencional, levando em conta que cada instituição desenvolve-se com suas particularidades criando sua própria cultura. No maior tempo das observações, os autores constataram que a divisão de gênero é constante, e essa relação entre meninos e meninas é quase inexistente. Até foi observado um caso no qual uma menina jogava futebol com os meninos, pois ela era aceita devido a sua habilidade no jogo, porém, os meninos ficavam falando que ela parecia um “menino”, que falava como um “menino”, que ela nunca ia pular corda com as meninas, que só gostava de jogar futebol.

Os estereótipos muitas vezes são idealizados pelos próprios professores, como observado por Souza (2000). Segundo a pesquisadora, há comportamentos esperados das meninas. As alunas devem, por exemplo, corresponder ao estereótipo previsto para seu sexo, ou seja, as meninas “quietas e comportadas” recebem elogios por estar cumprindo a conduta desejada. Portanto, podemos dizer que o comportamento da menina não é avaliado da mesma forma que o do menino, ou seja, o que é percebido como “natural” para os sujeitos masculinos, pode ser visto como “não-natural” e até mesmo condenável para os sujeitos femininos.

A identificação de habilidades escolares como organização, capricho e letra bonita com o fazer das meninas é interpretado como signo da feminilidade e situado em oposição à masculinidade. A partir de uma visão de gênero dualista, não é de se estranhar que algo que é tido como tipicamente feminino seja interpretado como um signo de não-masculinidade.

No trabalho realizado por Freire *et al.* (2009) – no qual são avaliadas as relações violentas entre os gêneros –, após a seleção do grupo focal com o qual as pesquisadoras estavam trabalhando, foi observado que entre as meninas, de uma forma geral, os estereótipos masculinos “chato”, “mandão”, “brigão” trazem implícitos a vinculação do homem à esfera pública e a uma posição de “agente”/“ativo”, delegando a ele o papel de protagonista nas interações sociais. Há também uma associação do homem a “objetos” culturais que possuem valor de status social, como bebida, carro, futebol. Elas generalizam tais atributos ao universo masculino, extensivo aos meninos. O incômodo sentido por esta relação de poder é expresso pela conotação depreciativa com que elas avaliam os atributos masculinos e pelo sentimento de impotência atribuída à mulher na interação. Por outro lado, os meninos naturalizam a agressão ao outro sugerindo que o ato de bater legitima quem é mais forte e, por conseguinte, detém o poder. Argumentam que a pessoa pode bater se o outro for “chato” ou se fizer algo “errado” e acreditam que a ira, a raiva é causada pelo “comportamento” do outro. Alguns dos meninos se identificam explicitamente com esse poder ao afirmar que batem quando estão com raiva, se o outro está chato ou fez alguma coisa errada. Declaram, inclusive, que assim se configura, em parte, a relação com as meninas, sendo lícito bater ou provocá-las quando as julgam “chatas”, ou “feias”. Não relatam situações de violência sofridas por eles e não manifestam o sentimento de vitimização como observamos no discurso das meninas. Para algumas crianças que desejam participar de uma atividade que é

controlada pelo gênero oposto, estas situações podem ser vividas com muita dificuldade (GODOI, 2009).

Visando conhecer as relações de gênero nas práticas escolares, Auad (2006) realizou uma pesquisa em uma escola pública de São Paulo, onde observou momentos de recreio e sala de aula, o que a autora considera elementos significativos nas vivências de meninas e meninos.

Conforme suas observações em sala de aula, Auad percebeu que é predominante a distância entre os gêneros e que, de forma não intencional, as professoras em suas falas diferenciam meninos e meninas como organizadores do espaço social, pois consideram meninas mais organizadas e quietinhas, enquanto os meninos são “bagunceiros” ou “ameaçadores da ordem”, ou seja, garotos possuem mais facilidade em desobedecer a ordens e são considerados “estranhos” aqueles que agem de forma contrária.

Reforçamos, portanto, como percebemos que esse modo de pensar os gêneros é uma construção social que vem se perpetuando ao longo dos anos, estabelecendo o que devemos esperar do comportamento de um menino ou de uma menina. A autora, ao lançar o olhar para as atividades do recreio escolar, percebeu, através das brincadeiras e das disputas das crianças, que é também neste momento que as relações de gênero se constroem e moldam meninas e meninos. Auad ressalta a dominação do gênero masculino nos espaços do pátio, em específico a quadra de esportes, enquanto que, para as meninas, resta apenas os cantos laterais, supondo, assim, uma possível desigualdade. A autora acredita que a escola tem papel fundamental na formação de uma sociedade igualitária e que, então, pode ser o ponto de partida para diminuir as diferenças entre os gêneros.

O trabalho investigativo de cunho etnográfico de Gonçalves e Fraga (2005) analisou diferenças de gênero evidenciadas por escolares em suas práticas de distribuição e ocupação dos espaços e a relação com os discursos sobre o corpo na legitimação da parte central de uma quadra esportiva como lugar dos meninos e dos seus cantos como o das meninas. De alguma forma, constatamos semelhanças na pesquisa destes autores com a que realizamos em São Francisco de Paula.

Outro trabalho que serviu como referência foi o estudo de Wenez, Stigger e Meyer (2005), no qual os pesquisadores afirmam que parece haver, na cultura

contemporânea, uma grande centralidade e importância ao corpo. Portanto, ele tornou-se lugar de identificação, transformação e construção dos sujeitos. Isto pode ser observado em diferentes momentos da vida cotidiana. Assim, observando os recreios de uma escola pública, procuraram identificar e discutir que significados são atribuídos ao corpo e ao gênero nas práticas corporais que acontecem naquele ambiente. Mais especificamente, os autores pensaram como o corpo torna-se alvo de determinados discursos e como as práticas corporais vivenciadas no recreio disciplinam corpos de meninos e meninas.

No entanto, o recreio que deveria ser um local de liberdade, onde as crianças brincam todas juntas, não é exatamente assim, pois é um espaço e um momento onde e quando existem muitas regras e atividades que são determinadas conforme o gênero, e isso faz com que alguns sejam privilegiados e outros ignorados e excluídos por não brincarem do que querem, por não poderem ocupar todos os espaços e por não conseguirem aproveitar o seu momento de “liberdade”.

Segundo Godoi (2009),

a sexualidade e o gênero estão presentes na escola mesmo não tendo um espaço no currículo oficial através de uma disciplina, de um programa ou projeto de educação sexual. Até mesmo quando a escola não fala sobre o assunto, a sexualidade e o gênero estão presentes por meio das regras e normas de conduta, dos valores, dos códigos, dos padrões, dos silenciamentos, das proibições.

A questão das relações entre gênero não é de natureza linear, nem constante, nem estável, mas sim eminentemente complexa. Devemos considerar os paradoxos e contradições na construção simbólica de gênero no que tange à aprendizagem social das posições pessoais assumidas na relação de poder. Estas vão sendo constituídas a partir de vivências concretas em contextos culturalmente estruturados, que refletem tanto as concepções históricas de uma dicotomia tradicional, quanto às experiências do dia-a-dia dos contextos de desenvolvimento em que se inserem as crianças, dentre eles, a escola.

Conflitos de gênero na escola Antônio Francisco da Costa Lisboa

A partir desta etapa, expomos as observações, entrevistas e os demais achados da pesquisa coletados pela graduanda Gabriela de Castro. Salientamos que, para alguns aspectos, havia certa expectativa, ou seja, situações que esperávamos encontrar,

enquanto que outros momentos foram completamente “novos” dentro do contexto escolar, bem como daquilo que imaginávamos ver nos conflitos de gênero na Escola Estadual Antônio Francisco da Costa Lisboa.

A primeira observação foi realizada no dia 10 de abril de 2015 no turno da tarde, na referida escola. O dia estava ensolarado, então, o recreio aconteceu no pátio da escola, onde as crianças têm acesso livre a todos os espaços. Este período conta com o monitoramento de um senhor que faz serviço voluntário para a escola, e que, no recreio, dá atenção em especial na organização de atividades (como o futebol, por exemplo), na quadra de esportes. Observamos dois períodos de recreio que totalizaram 30 minutos, divididos em dois momentos de 15 minutos, sendo o primeiro para turmas de educação infantil ao 2º ano do Ensino Fundamental, e, após, para as turmas de 3º ano a 5º ano do Ensino Fundamental.

Nesta primeira observação, procuramos ter um olhar amplo em todos os espaços em que havia crianças: no parque, nas escadas, no pátio, nos bancos e na quadra. Então, já pudemos constatar que existia, sim, conflitos de gênero na Escola Antônio Francisco da Costa Lisboa. Em um dos momentos do recreio, de uma forma muito explícita, esses conflitos estavam presentes na relação entre os gêneros.

No primeiro momento do recreio (Educação Infantil até o 2º ano), percebemos que existe uma distância entre meninos e meninas, na qual os alunos estão segregados em pequenos grupos divididos entre gêneros. A seguir, listamos as ações predominantes desse momento observado:

- 1: Meninos sentados em um banco;
- 2: Meninas sentadas em outro banco;
- 3: Meninas correndo de mãos dadas rindo muito;
- 4: Meninos se chutando e gritando;
- 5: Meninos jogando futebol;
- 6: Meninas olhando meninos jogarem futebol.

Não presenciamos momentos polêmicos entre os gêneros neste primeiro momento, apenas chamou-nos a atenção que o entrosamento, a troca de olhares e brincadeiras entre feminino e masculino é quase inexistente. Os dois universos (feminino e masculino), entendidos aqui como dois modelos de socialização, parecem

existir como duas esferas separadas e independentes. No entanto, como observa Scott (1995), gênero é uma categoria relacional, e é preciso compreender como se relacionam as construções de masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, chama a atenção o modo como se dão as interações físicas entre os meninos (se chutando e gritando) em completa oposição à maneira como se dá a interação física entre as meninas (correndo de mãos dadas e rindo). Oposição essa que revela uma complementaridade, a partir da noção de que um gênero sempre se constitui também a partir da negação do seu oposto.

Já na segunda turma de recreio (3º ano a 5º ano do Ensino Fundamental), a visão começou a mudar e a instigar mais a curiosidade. Os conflitos entre meninos e meninas ficaram bem claros. Muita correria, puxões, gritos, gargalhadas e disputas entre os gêneros. Já na saída para o pátio, presenciamos uma corrida para ver quem chegava no banco – que fica na lateral da escola – em primeiro lugar. Acreditamos que, pelo fato de não pegar tanto sol, este seja um local considerado privilegiado e disputado pelos gêneros. Neste dia, as meninas “ganharam” a disputa. Os meninos dirigiram-se para o banco na frente da escola. Notamos que as meninas tentavam pegar um grande número de meninos onde criaram uma espécie de “prisão” para prendê-los. Elas os agarram pelos braços.

Porém, muitos meninos também ficam jogando futebol na quadra de esportes, enquanto meninas pulam corda e jogam vôlei. Não presenciamos nenhuma integração dos gêneros na prática desses esportes e práticas corporais. E assim seguiu, até que terminasse o recreio.

A segunda observação foi realizada uma semana depois, na tarde do dia 17 de abril de 2015. O recreio novamente aconteceu no pátio da escola. No primeiro momento do recreio, as crianças estavam dispostas em pequenos grupos divididos por sexo. Percebemos que, nesse dia, havia um grupo de meninas em que um menino participava da brincadeira de correr pelo pátio, e estavam brincando normalmente sem intrigas. Mas este foi um caso isolado, pois as demais crianças apresentaram o mesmo comportamento da primeira observação, ou seja, não há entrosamento algum entre meninas e meninos nesta primeira parte do intervalo, os gêneros praticamente se isolam um do outro, como se não existissem um para o outro.

No entanto, o segundo momento do recreio foi revolucionário. É extremamente diferente do anterior, a não ser a parte em que só os meninos jogam futebol, as demais

atitudes são completamente ligadas e direcionadas de uma forma conflituosa ao sexo oposto. Os conflitos são demasiados. Seguem alguns relatos e interlocuções:

Menina:

“-Ô” Profº, os guris só ficam incomodando a gente!”

O menino respondeu:

“-Sim Profº, elas só ficam se metendo na nossa conversa, são umas chatas!”

Na tradicional correria de meninas atrás dos meninos, tivemos a impressão que existe um clima de “paquera”, no qual os olhares já demonstram outros interesses no sexo oposto, mas também parece que isso faz com que eles sintam raiva um dos outros. É uma relação de amor e ódio, pois, ao mesmo tempo em que estavam se puxando e se empurrando, ouvimos falas assim:

“- A Maria gosta de ti João! Ela quer te dar um beijo!”

Observamos, também, o jogo de vôlei, no qual apenas meninas estavam jogando, mas, em alguns momentos, havia a participação espontânea de alguns meninos também, só que correndo pelo meio do jogo dando toques na bola para atrapalhar o jogo das “meninhas” conforme as designam.

Uma última observação geral ocorreu no dia 29 de abril de 2015. Nesta tarde, optamos por observar apenas o segundo momento do intervalo das 15h15min até às 15h30min, pelo fato de que, neste momento, detectamos que são vistos com grande frequência conflitos entre os gêneros. Já na saída da porta para o pátio, de repente saiu correndo uma menina fugindo de uns meninos. Isso logo, chamou a atenção, pois não eram poucos meninos. Resolvemos quantificar, contando quanto meninos eram, e o resultado foi assustador. Onze meninos atrás de apenas uma menina! A princípio, ela corria, desviava, gritava e também ria muito. Acreditamos ser mais umas daquelas brincadeiras de “pega-pega” que normalmente acontecem. Mas dessa vez foi diferente. Logo que a alcançaram, eles a chamavam de “feiosa”, “pitbull” e, além desses apelidos, alguns deles também deram chutes e puxões de cabelo nela, que foram revidados com tapas. Ela continuava rindo e correndo deles até que ela percebeu nossa presença e disse:

“-Professora eles não param de me encher! Eu vou dar neles!”

Tentamos conversar com todos, mas não conseguimos, pois nem deram ouvidos, e então a menina gritou:

“- Seus bunda moles !”

E, assim, a correria recomeçou. .

Então, fomos dar uma olhada na quadra de esportes, e para, não sair da rotina, apenas meninos estavam ocupando aquele espaço. Uma menina queixou-se que alguns meninos estavam chamando-a de “carabina de dois canos”, ela mostrou os garotos e resolvemos questioná-los o porquê deste apelido:

“- Porque essa menina tem as pernas muito compridas, parece uma carabina de dois canos! Ela parece uma avestruz, (risos)”

A fronteira ou o limite entre o brincar e as situações de agressão física ou verbal é muito tênue. Os próprios xingamentos e pequenos puxões de cabelos, chutes e tapas, tidos como brincadeira na perspectiva deles, simultaneamente, incomodam e levam algumas alunas a reclamarem para os adultos. É significativo que os meninos não se dirijam aos adultos para reclamar ou pedir ajuda. Apenas as meninas fazem isso.

Bateu o sinal, ficamos observando a formação das filas para entrar para as salas da escola. São oito turmas neste turno. Olhamos um pouco de todas, mas é possível resumir a apenas uma descrição genérica: um grande empurra-empurra entre gêneros, até que chegam as professoras e os alunos se acalmam um pouco, mas as provocações e burburinhos continuaram até que os perdemos de vista rumo às salas de aula.

Diante das observações iniciais, optamos por focalizar este estudo no segundo momento do recreio vespertino da Escola Estadual Antônio Francisco da Costa Lisboa, onde e quando provavelmente encontraríamos o que estávamos imaginando em relação aos conflitos de gênero na infância. A partir deste momento, também relatamos algumas conversas informais que tivemos com alunos selecionados aleatoriamente. Os nomes utilizados são fictícios para preservar a identidade das crianças.

Na tarde do dia 06 de maio de 2015, iniciamos as observações com objetivos diferentes daqueles trabalhados até então. Além de acompanhar as atividades e manifestações, fizemos alguns questionamentos para alunos quando percebemos conflitos entre os gêneros acontecendo, iniciando as entrevistas com os sujeitos.

A primeira cena que chamou atenção foi de duas meninas puxando um menino pelos braços. Os seguimos, e foram em direção à lateral esquerda da escola. As meninas levaram o menino até a soleira de uma janela, acenando que ele deveria ficar ali. Perguntamos para as meninas por que o deixaram lá, e disseram que aquele local é a “cadeia” (o local também é considerado e chamado de esconderijo por alguns alunos), e que ele deveria ficar no local até acabar o recreio, caso contrário elas iriam entregar ele para a diretora por estar chamando-as de “metidas”.

Isso revela que algumas estratégias de empoderamento feminino aparecem a partir de ações conjuntas das meninas em reação às agressões (físicas ou verbais), na medida em que lhes é possível exercer algum protagonismo coletivo.

Na frente da escola, encontramos a menina com quem havíamos conversado na última observação. Ela estava novamente correndo do mesmo grupo de meninos, porém, desta vez, alguns estavam com galhos de plantas ameaçando bater nela. Fomos até eles e os chamamos para conversar um pouco, todos falavam ao mesmo tempo:

Meninos:

- Ela cheira a gambá professora!

Menina:

- Seus fedorentos!

Perguntamos:

- Vocês estão brincando juntos?

Meninos:

- Sim, queremos pegar ela! Porque ela bate na gente!

- Ela parece um pitbul! Quer fazer cócegas em mim!

Menina:

- Viu como eles são chatos, não tem como brincar com eles!

Percebemos que há uma forte animosidade com esta menina, gerando violência diária. Isso demonstra que, em muitas das ditas “brincadeiras”, está implicada uma violência naturalizada dos meninos sobre as meninas.

Nos fundos da escola, na quadra, encontramos meninas assistindo aos meninos jogarem futebol:

- Porque vocês não estão jogando futebol, também?

Meninas:

- Porque o Tio Gasolina tem medo que as meninas se machuquem.

- Os meninos dizem que só eles sabem jogar direito!

- Acham que são melhores que nós só porque “são homem” !

Chamamos um menino que estava jogando:

- Porque as meninas não jogam com vocês?

Menino:

- Porque elas batem em nós, elas se quebram muito! São mole!

Acreditamos que, neste caso, as justificativas utilizadas para excluir as meninas do jogo de futebol são variadas. Elas incluem subterfúgios imbricados na cultura local, como a de que meninas são “mole”, ou seja, mais frágeis do que os meninos e menos aptas a jogar com o mesmo vigor. Incluem, também, o fato de que, quando meninas jogam futebol com os meninos, elas se machucam (se “quebram”) mais, em decorrência da maneira como os meninos jogam futebol. Lembrando, aqui, como analisa Bandeira (2009), que o futebol, em nossa cultura, está diretamente implicado na afirmação de uma masculinidade máscula, viril, forte e agressiva. Consequentemente, as meninas reagem às faltas e agressões ocorridas durante o jogo, batendo nos meninos.

Seguindo com as observações e questionamentos, no dia 12 de maio de 2015, retornamos até a escola para mais um olhar sob o recreio.

Neste dia, direcionamos, primeiramente, para o lado da quadra, para tentar desviar do grupo que entrevistamos na última observação. Havia algumas meninas observando os meninos jogar futebol:

- Meninas, vocês estão esperando aqui para jogar também?

Meninas:

- Não professora! A gente não pode jogar futebol! Só os meninos! [“risos”]

- E os meninos não deixam, bem capaz! Mas a gente nem gosta muito mesmo! Tem que correr, a gente sua muito e ainda vai fica (sic) fedendo que nem eles!

Questionamos novamente:

- Mas então porque estão aqui olhando eles?

Meninas:

- Ha ... porque isso irrita eles, a gente fica dando uns gritinhos, chamando eles de ruim, que nem sabem jogar, às vezes eles até dão umas boladas em nós. Daí o Tio Gasolina manda a gente sair.

Indagamos:

- E se o Tio Gasolina convidasse vocês para jogar, aceitariam?

Meninas:

- Se jogasse só nós sim, porque os guris são uns “cavalos”, eles chutam a gente porque são melhores do que a gente no futebol.

Novamente, tentamos contrapor uma ideia construída socialmente:

- Porque vocês acham isso? Que os meninos jogam melhor do que as meninas?

Meninas:

- Porque futebol é coisa de menino, né, professora!

Analisando brevemente este diálogo, fica bem claro que o senso comum prevalece neste momento do recreio perante as respostas das meninas entrevistadas. Nas falas *porque futebol é coisa de menino, o tio Gasolina manda a gente sair, os meninos não deixam*, percebemos que o recreio não é tão livre quanto deveria ser, e que as desigualdades entre os gêneros e as atividades estereotipadas a meninos e meninas ainda são regras deste intervalo.

Na tarde do dia 21 de maio de 2015, realizamos mais uma observação seguida de perguntas. Novamente, optamos por observar o grupo de alunos do 5º ano, com o qual estávamos fazendo entrevistas. Logo que chegamos, *Vanessa*, que é o alvo das provocações dos meninos, dirigiu-se gritando:

- Me socorre, Professora! [“risos, gritos”] Hoje eles “tão” demais, ai ai!

Orientamos para que ela fosse pedir auxílio na direção da escola, para que repreendessem os meninos. Não era nosso objetivo interferir diretamente no conflito. Momentos depois, ela disse que não iria, pois era só uma brincadeira. Então, ela e mais uma menina saíram correndo fazendo gestos obscenos para eles. Os meninos gritavam:

- Tiros de bazuca nelas! [“risos”]

Um menino alcançou-a e pendurou-se no pescoço dela, dizendo que ela parecia uma girafa, quase a derrubando. As crianças começaram a falar:

- Eles se amam! ["risos"]

Resolvemos intervir, pois não havia ninguém ali por perto monitorando. A menina saiu correndo:

- Por que estava fazendo isso nela?

Menino:

- Porque todo mundo tá fazendo, mas é só brincadeira, professora. A gente sempre brinca assim de pegar as meninas. Às vezes, elas tentam pegar nós também, só que nós corremos "mais forte" do que elas!

Aqui, mais uma vez se evidencia o caráter naturalizado da violência contra as meninas, mesmo dentro daquilo que é aceito como "brincadeira", como o pega-pega.

Para finalizar esta etapa, realizamos mais duas observações, porém, foram realizadas de forma diferente das demais. Consideramos que a presença física estava de certo modo manipulando o comportamento destes que então queriam despertar a atenção. Popularmente, podemos deduzir o comportamento das crianças através de um ditado: "Onde tem plateia, tem show!" Nesta circunstância, o posicionamento foi fora do pátio da escola, observando de dentro do carro. Pelas dificuldades, não conseguimos olhar todos os lados do pátio, mas os principais locais onde acontecem as disputas estavam ao alcance dos olhos.

Houve disputas sem a presença? Sim! Mas aconteceram de forma mais natural. Um grupo de meninos corria atrás da mesma menina, porém, não aconteceram empurrões, puxões de cabelo, nem mesmo xingamentos. Parecia apenas uma disputa de quem corre mais ou menos.

No segundo dia de observação, não foi diferente. O clima socioemocional estava bem tranquilo, porém, seria estranho se não houvesse a brincadeira de pega-pega de meninos x meninas, meninos jogando futebol e meninas olhando, meninas jogando vôlei com meninos atrapalhando.

Enfim, podemos afirmar que está estabelecida a rotina diária de todos os recreios do turno da tarde da Escola Estadual Antônio Francisco da Costa Lisboa, ou seja, os lugares são demarcados por gêneros. Os meninos são dominantes no uso de tais espaços

e são dominantes, também, nas disputas que ocorrem dentro dos jogos, das brincadeiras de pega-pega e outras, não estabelecendo um limite muito claro entre a brincadeira lúdica e a violência de gênero. Assim, é visível que, cada vez mais, a desigualdade entre os gêneros está se disseminando neste momento.

A intervenção da escola

Com o intuito de aprofundar a pesquisa, realizamos conversa/entrevista com a diretora para saber sobre as intervenções que escola propõe diante dos casos conflituosos entre os gêneros nas reuniões pedagógicas com seu grupo docente e, também, sobre a divisão de meninos e meninas nos espaços do pátio durante o horário do recreio.

Primeiramente, questionamos a diretora sobre o porquê do termo gênero não ser um conceito trabalhado no Projeto Político Pedagógico da escola, pois acreditamos que este está ligado diretamente a palavra/termo/conceito de diversidade, o qual é ressaltado em vários tópicos do documento referido. Ela respondeu que, apesar do termo não estar presente neste documento, que na verdade nem está atualizado e – portanto – necessita deste estudo, um dos princípios da escola é o respeito à diversidade e que o assunto gênero é trabalhado no decorrer do ano letivo. Nas reuniões pedagógicas, a questão de gênero é tratada de forma indireta, onde professores trazem comentários de fatos ocorridos em sala de aula e que, de uma forma ou outra, estão interligados às relações masculino *versus* feminino. A partir disto, então, seguem orientações.

Durante nossa conversa, comentou a diretora que os professores não distinguem mais o gênero masculino como o mais “bagunceiro”, que, hoje em dia, não se pode mais rotular o sexo assim, pois, “ambos estão dando trabalho”, descreveu. Após esse relato, podemos perceber que, de acordo com as declarações, a escola, agindo assim, desempenha um papel importante, pois não discrimina e nem estereotipa um sexo mais “bagunceiro” que outro.

A diretora ressaltou também que, nos horários de intervalo, normalmente ficam em média de 2 a 4 monitores com o intuito de fiscalizar possíveis conflitos e, em caso de ocorrer algo assim, acontece uma conversa com os alunos para esclarecer tais atitudes e orientá-los para que, de uma forma pacífica resolvam, respeitem e aceitem suas diferenças. Segundo a diretora, normalmente os conflitos acontecem nos dois

primeiros dias de aula da semana (segunda-feira e terça-feira). Ela acredita que as crianças iniciam a semana mais dispostas e isso faz com fiquem mais sujeitos a criar tumultos.

De acordo com as observações feitas, chamou atenção o fato de que a quadra de esportes, durante o recreio, é de uso exclusivo dos meninos. Perguntamos, então, como funcionava esta divisão do espaço e por que meninas não usufruíam também daquele local. A diretora conta que já houve uma escala há algum tempo atrás em que meninas também exerciam este direito, e que, na hora do intervalo, havia uma tabela de horários e dias que dividia o local por turmas e por gêneros. Porém, não houve sucesso na divisão, já que a maioria das meninas não demonstrou interesse quando o espaço estava disponível. Posteriormente, foi disponibilizado um espaço para que elas jogassem vôlei e foi estabelecido que a quadra de esportes seria de uso dos meninos, dividido semanalmente por turmas. Foi, também, sugerida a possibilidade de abrir o jogo para meninas que tivessem interesse em jogar com os meninos, mas isso não deu muito certo, pois houve conflitos entre os gêneros, mais por parte dos meninos que não aceitavam as meninas “menos habilidosas”. A diretora também lembrou que, durante o horário das aulas, todas as turmas, incluindo meninas e meninos, têm aulas de educação física na quadra de esportes, onde são incentivados a praticarem as atividades e os esportes em grupos mistos sem diferenciar gêneros.

Tivemos, também, uma conversa com a professora da turma do 5^a ano do Ensino Fundamental, quando esta relatou não ter problemas plausíveis dentro da sala de aula em relação ao grupo que vinha sendo observado. Contou que procura ver os conflitos de um modo positivo e tenta usar estes acontecimentos como temas de trabalho em aula para que, assim, os alunos possam enxergar suas diferenças e, a partir, disso, possam ser valorizados e respeitados.

Diante das observações feitas, elencamos os principais motivos norteadores dos conflitos durante o período do recreio da Escola Estadual Antônio Francisco da Costa Lisboa.

De fato, as disputas existem diariamente em qualquer âmbito social. Neste caso, no momento do recreio, percebemos que estes conflitos acontecem porque as crianças estão descobrindo as diferenças entre si e o outro. Também estão se descobrindo e, portanto, é realmente uma fase conflituosa.

No primeiro momento dos intervalos, não houve elementos e/ou situações que representassem disputas por espaços ou qualquer outra forma de atrito entre os gêneros, apenas passavam despercebidos uns pelos outros. Acreditamos que, apesar de não haver uma troca significativa de experiências entre os gêneros neste primeiro momento, é aqui que as relações sociais começam a ser produzidas no recreio, pois já ficam evidentes os primórdios de uma distinção entre os sexos.

Pensamos que a reprodução da hegemonia masculina dentro das relações de conflitos entre os gêneros depende muito da cultura que cada escola estabelece na hora de seu intervalo, pois o momento no qual as disputas ocorrem com mais frequência resume-se em atos repetitivos onde as crianças inibem-se e acabam assumindo papéis que são determinados para meninas ou meninos, deixando de seguir sua vontade por medo de que sua atitude seja considerada uma brincadeira ou esporte não específico para seu gênero. Podemos citar um exemplo que foi observado quando um menino estava atrapalhando o jogo de vôlei das meninas. Na verdade, percebia-se que ele queria jogar junto com elas, mas se isso acontecesse, ele seria rotulado como “menininha”, pois apenas meninas jogam naquele espaço no momento do recreio, e, por fortes crenças sociais que extravasam o âmbito educacional como “não precisar correr”, “não precisar tanto esforço físico” (atitudes consideradas mais masculinas), o esporte vôlei é considerado mais feminino.

A cultura que cada criança traz consigo, de seu lar, também interfere neste espaço, pois, como já vimos anteriormente desde pequenos, somos influenciados a tonalidades de cores, programas de tevê, modos de comportamento, vestuário, enfim, tudo conforme nosso sexo. Todo esse conjunto de “normas” é cobrado para que seja seguido dentro de grupos sociais, e um pequeno desvio deste padrão já será motivo para algum conflito entre meninas e meninos no momento do recreio escolar.

Outras questões que estão articuladas e acabam não fugindo dessa cultura são as relações de poder, nas quais o gênero masculino é caracterizado como o mais forte, mais rápido e habilidoso. Os meninos, então, se aproveitam desse estereótipo para aplicar provocações de mau gosto contra meninas que revidam, correm e apelidam como forma de defesa. Acabamos vendo tudo isso como formas de “brincadeiras”, portanto, atitudes que fazem com que as desigualdades entre os gêneros subsistam.

Olhares e debates sobre os achados da pesquisa

Para iniciar o debate e as análises sobre os achados de pesquisa, consideramos importante destacar que as evidências apresentadas na Escola Antônio Francisco da Costa Lisboa, em São Francisco de Paula, partem do princípio defendido por Cruz e Carvalho (2006), ou seja, o conflito é um dos modos possíveis de sociabilidade nas relações de gênero. De acordo com as autoras:

A sociabilidade do conflito, caracterizada pelo distanciamento entre os sexos nos momentos amistosos e uma aproximação proposital por meio de ações conflituosas, que pareciam, muitas vezes, ser a única forma possível de estar juntos. Essas ações de aproximação conflituosa entre meninos e meninas podem ser caracterizadas em três modalidades: atividades turbulentas (como correrias, pega-pegas e perseguições), episódios de invasão (em que crianças de um sexo invadem os espaços e as brincadeiras em desenvolvimento por um grupo de outro sexo) e provocações verbais ou físicas, que incluíam os xingamentos proferidos pelos meninos e os tapas das garotas contra eles. (CRUZ e CARVALHO, 2006)

Foram evidentes estas três modalidades citadas acima durante as observações realizadas, sendo que a que mais se destacou foi a “tradicional corrida de pega-pega”. Podemos comparar o termo com “atividades turbulentas”. Os “episódios de invasão” também foram observados e, normalmente, os meninos costumavam invadir com maior frequência o espaço feminino em jogos e brincadeiras, sendo que as meninas pareciam não se encorajar a invadir a quadra de futebol. Já as provocações verbais e físicas neste caso eram características fluentes de ambos os gêneros.

Uma estratégia de distinção que meninos e meninas aprendem desde cedo são as piadas e deboches, apelidos e gestos para dirigirem-se àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade na cultura em que vivem. Este tipo de brincadeira ou zombaria pode acontecer com uma aparente naturalidade no contexto escolar, porém, os profissionais da escola devem estar atentos a essas práticas e seus efeitos sobre aqueles/as que são as vítimas, principalmente quando ainda não conseguem se defender (GODOI, 2009).

Assim, podemos considerar esses conflitos formas naturais no desenvolvimento da infância no momento do intervalo escolar ou recreio, porém, a escola deve estar sempre atenta para que esses episódios não percam essas características consideradas corriqueiras e se tornem atitudes reprodutoras de padrões culturais de dominação e violência de gênero.

Durante as observações, houve um episódio em que recebemos algumas queixas da menina “Vanessa”, pois, segundo, ela os meninos estavam exagerando nos apelidos e provocações físicas. Então, questionamos se ela queria que chamasse alguém para conversar com os meninos que estavam lhe incomodando:

“- Não professora, eles estão só brincando mesmo.”

Essa perseguição de um grupo de meninos atrás de uma menina nada mais parece senão uma disputa entre os gêneros, mas também pudemos perceber elementos lúdicos, presentes nas risadas, na pouca força dos empurrões e dos tapas e no fato da menina não aceitar a intervenção.

Segundo Cruz e Carvalho (2006), as atitudes de meninos e meninas durante os conflitos de gênero na escola podem se dividir em ação ou performance dramática:

ação, atividade engajada, na qual os gêneros são produzidos ativamente, em práticas sociais que ora reforçam o senso dicotômico de gênero em brincadeiras de meninos contra meninas, ora solapam este sentido em projetos de cooperação;

performance dramática, no gosto pelos rituais, no teatro cotidiano com regras seqüenciais explícitas, aplicadas em ações que seguem sempre o mesmo script em cenas que podem envolver xingamentos sexualizados, frases prontas como reação à entrada de um menino em um grupo de meninas, ou atos de agressão entre meninos e meninas, situações que as crianças sempre dão a entender “serem apenas brincadeiras” (CRUZ e CARVALHO, 2006)

Atitudes assim nos fazem refletir sobre a relação que existe entre a sociabilidade e o conflito. No relato da diretora, por exemplo, quando afirma que a escola já abriu possibilidades para que houvesse uma divisão maior no espaço do recreio, percebemos que a escola demonstrou interesse em diminuir algumas barreiras que contribuem para as diferenças entre meninos e meninas. Com esta atitude, verificamos mudanças positivas quando comparado à épocas anteriores, quando a hipótese das meninas usarem o espaço da quadra de esportes no recreio não foi nem se quer cogitada.

Na verdade, esta convicção na improbabilidade dos gêneros relacionarem-se harmônicamente também nas atividades esportivas pode progredir para a formação de uma sociedade exclusiva. Particularmente, lamentamos que a iniciativa não teve continuidade e, atualmente, a quadra de esportes no momento recreio continua sendo de uso exclusivo dos meninos, pois abrir este espaço para as meninas seria uma das alternativas para amenizar esta desigualdade que continua persistindo durante o recreio desta escola. A desistência da proposta demonstra uma postura conservadora da escola diante do desafio de ter que lidar pedagogicamente com os conflitos existentes entre

meninas e meninos, e, talvez por desconhecimento no assunto, estes conflitos não foram vistos como formas naturais do desenvolvimento da relação entre os sexos.

Uma outra alternativa seria que os monitores que ficam no recreio fizessem atividades de recreação a fim de integrar mais alunos e alunas através de brincadeiras e jogos com grupos mistos.

Na verdade, o que se almeja não é que meninas e meninos se comportem da mesma forma, mas que a escola seja um dos caminhos que possibilite e garanta aos gêneros papéis diferentes, porém, com direitos iguais. Acreditamos que, com a garantia desses direitos, os conflitos entre os gêneros poderiam diminuir, fazendo com que a sociedade não dê tanta ênfase para as diferenças biológicas e socioculturais.

Considerações finais

Com base nas observações, leituras e na pesquisa realizadas até o momento e referenciadas nesta pesquisa, pensamos que a intervenção da escola em relação aos conflitos de gênero ainda não é satisfatória, porém a instituição já deu os primeiros passos a fim de oferecer a formação de uma sociedade mais justa, onde as relações de gênero vem se modificando aos poucos, deixando de fortalecer e favorecer uns mais do que outros, no caso brasileiro e local, mantendo a hegemonia masculina. Muitas vezes, tais situações e contextos podem ser interpretados como uma naturalização social. Portanto, pode-se afirmar a ideia de que o recreio escolar é um espaço transformador e influenciável nas relações sociais.

Destacamos os acontecimentos que acompanhamos durante o primeiro semestre de 2015 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Francisco da Costa Lisboa através de uma citação de Cruz e Carvalho (2006), pois as percepções são bastante semelhantes:

[...] brincando (e brigando) juntos, meninos e meninas estabeleciam jogos de gênero, nos quais tanto se podiam reforçar as bi-polaridades entre os significados antagônicos de feminilidade e masculinidade quanto, ao contrário, diluir-lhes as fronteiras. (CRUZ e CARVALHO, 2006)

As relações de gênero no período do recreio acontecem em forma de disputas para que haja dessa maneira uma aproximação dos sexos. Porém, apesar desse conflito, ser parte do processo de socialização entre meninos e meninas, no interior desses conflitos a distribuição do poder acontece, muitas vezes, de forma desigual. Lembrando

que “as interações pelas fronteiras de gênero são vigiadas e corrigidas quando fogem do ideal de masculinidade e de feminilidade vigentes” (GODOI, 2009). Assim, devido às “regras e/ou conceitos” estipuladas e estabelecidos socialmente e também exercidas no interior do recreio escolar, as relações de poder e os conflitos naturais entre os gêneros terminam privilegiando a maior parte do tempo o pólo masculino mais do que o pólo feminino, reproduzindo, assim, a hegemonia cultural masculina.

Assim, o recreio escolar deve ser visto, então, como uma alternativa a mais de entrosamento para tentar igualar e transformar a atual situação referente aos conflitos entre os sexos, e a escola deve desempenhar o papel de amplificar a igualdade neste que é um momento muito importante para a troca de experiências entre os gêneros, no qual conflitos podem e até devem acontecer de modo que contribuam na (re)construção social igualitária e não preconceituosa a fim de estereotipar gêneros.

A pesquisa propiciou explorar, analisar e descrever o quão importante é a discussão sobre os conflitos de gênero. Relacionando tais acontecimentos às teorias, constatou-se que muitas mudanças ainda são necessárias.

A formação para docentes tratando do tema desta pesquisa seria muito válida, pois o conceito de gênero ainda não é muito trabalhado e dominado pelos educadores. Atividades dirigidas deveriam ser oferecidas no momento do intervalo para que, através das brincadeiras, as desigualdades não se sustentem, e é primordial que a permanência dos mesmos direitos durante o recreio seja garantida, pois só assim refletirá no comportamento dos alunos em longo prazo.

Ao encerrar este trabalho, destaca-se a satisfação que a pesquisa causou no seu todo, respondendo aos objetivos propostos e permitindo afirmar que participantes e metodologias foram adequados ao tema conflitos de gênero. Ressaltamos, ainda, que as experiências e relatos deste trabalho estão vinculados a um tempo e espaço específicos, ou seja, poderemos encontrar resultados diferentes em outras escolas ou nesta mesma em períodos anteriores ou posteriores.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração currículo de masculinidades nos estágios de futebol**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009

CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO, Marília Pinto de. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos PAGU** n. 26, p. 113-143, 2006.

FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado; SABARENSE, Stephanie; BRANCO, Angela Uchoa. A perspectiva das crianças sobre questões de gênero na escola. **Psico**. v. 40, n. 2, p. 184-193, abr./jun. 2009.

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf Acesso em março de 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GODOI, Marcos Roberto. Governo dos corpos, gênero e sexualidade: reflexões sobre situações do cotidiano das escolas. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 14, n. 134, Julio de 2009.

GOELLNER, Silvana; VOTRE, Sebastião Josué; MOURÃO, Ludmila; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer**. Brasília: Ministério do Esporte, 2009.

GONÇALVES, Vinícius Pauletti; FRAGA, Alex Branco. A quadra e os cantos: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 10, n. 87, Agosto de 2005.

GRUGEON, Elizabeth. Implicaciones de Género en la cultura del patio del recreo. In: WOODS, Peter; HAMMERSLEY, Martyn (Orgs.). **Género, Cultura y Etnia en la Escuela: Informes Etnográficos**. Paidós: Ministerio de Educación y Ciencia. España, 1995.

HENRIQUES, Ricardo; BRANDT, Maria Elisa Almeida; JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA, Adelaide (Orgs.). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Cadernos SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVENTO, Claudia Toffano. O conceito de gênero e suas representações sociais. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, n. 176, Enero de 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade** - v. 20 , n. 2, p.71-99, 1995.

SOUZA, Fabiana Cristina de. **Diferenças de gênero na escola: interiorização do masculino e do feminino.** Trabalho apresentado no Grupo de Estudos: Gênero, sexualidade e educação. Unesp, 2000.

STIGGER, Marco Paulo; WENETZ, Ileana. **A Construção do Gênero no Espaço Escolar.** Porto Alegre: Editora Movimento, 2006.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As relações de gênero no espaço cultural do recreio. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 10, n. 90, Noviembre de 2005.